

Rock e sexismo: Um estudo sobre a cena musical digital e a vocalista Emily Armstrong¹

Rodolpho Albuquerque²

Tobias Arruda Queiroz³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

Este trabalho analisa a recepção da nova vocalista do Linkin Park, Emily Armstrong, e os discursos machistas presentes na cena musical do rock, especialmente no ambiente digital. Com base na pesquisa realizada na rede social X, foram examinados comentários sobre a vocalista após o anúncio de sua entrada na banda, evidenciando padrões de preconceito de gênero. O estudo utiliza o conceito de cena musical digital, abordado por autores como Will Straw (2006) e Simone de Sá (2013), para compreender como o conservadorismo da comunidade rockeira se manifesta nas plataformas digitais. Os resultados apontam que, apesar dos avanços na representatividade feminina no rock, a resistência à presença de mulheres ainda é expressiva, reforçando desafios para uma maior inclusão no gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Sexismo; Linkin Park; Cena Musical; X

INTRODUÇÃO

Após anos de hiato, a banda de rock Linkin Park anunciou seu retorno com uma nova vocalista, Emily Armstrong, o que gerou diversos comentários machistas sobre a cantora. A comunidade rockeira é frequentemente associada a uma postura conservadora, resistindo a mudanças em sua composição.

Este estudo propõe desmistificar essa perspectiva hostil em relação à presença feminina na cultura do rock 'n roll, utilizando como referência o livro *Pandemônios e Notívagos* e analisando comentários nas redes sociais para evidenciar o machismo presente na recepção de Emily Armstrong como vocalista do Linkin Park, considerando o conceito de cena musical no contexto digital.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE15 - Estudos de Cultura Pop e Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UERN, email: rodolpho20230050118@alu.uern.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br

METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta pesquisa baseia-se na análise de postagens na rede social X (antigo Twitter), por meio da ferramenta de busca, utilizando os termos “Emily Armstrong” e “Linkin Park anuncia nova integrante”, no período de 12 a 24 de novembro de 2024. Também foram utilizados os estudos presentes no livro *Pandemônios e Notívagos* (2021) e no artigo *Pensando a Cena Musical a Partir dos Territórios Informacionais* (2014). Como base teórica, foram considerados os pensamentos de Will Straw (2004), Simone de Sá (2013) e Tobias Queiroz (2021).

DESENVOLVIMENTO

O Linkin Park é uma banda de rock que iniciou sua carreira em 1996 e lançou seu primeiro álbum em 2000, consolidando-se como uma das maiores do gênero. Em 2017, o vocalista Chester Bennington faleceu, levando a banda a entrar em hiato por tempo indeterminado. Em 2024, o grupo retornou com dois novos integrantes: Emily Armstrong (vocalista) e Colin Brittain (baterista). Essa nova formação gerou uma onda de insatisfação entre os fãs, sobretudo pela inclusão de uma mulher como vocalista principal.

Emily, que se identifica como parte da comunidade LGBTQIA+, tornou-se alvo de ataques motivados por misoginia, conforme evidenciado em postagens na rede social X⁴. Comentários depreciativos reforçam como a cena rockeira atual ainda reflete um forte conservadorismo, que rejeita mudanças na composição das bandas e marginaliza a presença feminina em papéis de destaque.

O gênero musical rock, seguido pela banda, de acordo com Queiroz (2021), atua como um gênero guarda chuva, que abarca inúmeros outros gêneros musicais e é caracterizado pela influência do Indie Rock, Heavy Metal, Hardcore e o Punk. Inicialmente, a comunidade rockeira costumava ser chamada de fora dos padrões, de alternativa e hoje em dia, é dominada pelo conservadorismo, como podemos citar de exemplo o que aconteceu com o trio feminino de metal Nervosa, que sempre sofreram

⁴ Postagem Apagada: Eu a vi ao vivo e levou um tempo para entender o por que eu não gosto dela. é um pouco de sexismo da minha parte. Eu não gosto da Emily Armstrong como a vocalista gritante do Linkin Park porque ela é uma mulher.” Tradução feita pelo autor do trabalho. Fonte: <https://x.com/gcgoespunk/status/1856363498416013672>. Repositório: <https://photos.app.goo.gl/S62qx9FSb4mvBnU2A>

de diversos ataques machistas apenas por ser uma banda formada por mulheres⁵. Os ataques a mulheres na cena são comuns até hoje, como podemos ver no caso da vocalista do Linkin Park que apesar de demonstrar imenso talento em cima do palco e sendo diversas vezes elogiada por sua performance e por trazer uma nova identidade, conquistando um novo público na turnê mundial que está ativa no momento, a vocalista segue sendo alvo de comentários sexistas nas redes sociais.

Entrando no conceito de cena musical, a ideia de Will Straw (2006) diz que a cena musical pode se entender por alguns pontos principais

[...] 1) a reunião recorrente de pessoas em um mesmo local; 2) a movimentação destas pessoas entre outros espaços similares; 3) as ruas onde estes movimentos tomam forma; 4) todos os lugares em que se desenvolvem as atividades em torno de uma preferência cultural específica; 5) fenômeno disperso geograficamente desse mesmo movimento, onde há exemplos de preferências locais; 6) atividades microeconômicas em rede, incluindo sociabilidade e conectando a cena à cidade (STRAW, 2006, p. 6 *apud* Queiroz, 2021, p. 33).

A cena musical segundo Straw (2006) é apenas algo local, pessoal, em que se tem que estar perto, como uma comunicação realmente que depende de um ecossistema comum, como os bares de rock. Já atualmente, podemos encontrar o conceito de cena musical digital, indo de encontro ao pensamento de Bennet e Peterson (2004) que falam que não consideravam o computador um ponto de acesso à cena, o que fazia sentido na época. Já repensado por Simone de Sá (2013) a cena digital já se torna algo mais “concreto”

[...] ao se transportar para o ambiente digital, qualquer cena vai ser convocada a considerar as especificidades – estéticas, técnicas e econômicas – deste novo ambiente. Trata-se, assim, de um processo altamente complexo que pode deixar marcas e transformar de maneira definitiva a própria identidade de uma cena local ou translocal (De Sá, 2013, p. 32).

Atualmente, vejo as redes sociais como um grande ponto de acesso a cena musical, visto que é um ambiente onde todo mundo que gosta de algo pode criar uma comunidade para falar sobre o assunto, postar e comentar postagens sobre esse gênero musical, então é um ponto de interação relacionado a música. E analisando esse ambiente virtual, vimos que atualmente a cena musical digital do rock está repleta de conservadorismo, o que aumenta a proliferação de comentários machistas, homofóbicos

⁵fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/04/trio-feminino-nervosa-fa-la-do-machismo-na-cena-metal-show-de-horrores-nos-comentarios.ghtml>

e racistas nesse ambiente, o que nos leva ao pensamento de que a cena musical do rock atualmente é completamente conservadora.

Não só no ambiente virtual, o conservadorismo dos “rockeiros” também é vista em espaços físicos, como é o exemplo de Grazy, mulher que se expressa pelo rock na cidade de Mossoró.

A gente sempre vai falar que a gente vive uma diferença muito grande nas apresentações. Por exemplo, estamos tocando uma música super empolgada e os caras ficam assim [ela cruza os braços], só olhando, tipo, só encarando e tentando observar: “Será que ela vai errar?”, “Será que ela vai desafinar?” Já quando é os caras, já é diferente! Eles já estão batendo cabeça e curtindo tudo aquilo. (Queiroz, 2021, p. 144)

Tendo como base esse relato, podemos confirmar que independente de onde você está se expressando, em um barzinho em uma cidade do Nordeste ou em cima de um palco para milhares de pessoas ao redor de todo o mundo, uma mulher fazendo rock sempre vai precisar se provar muito mais do que um homem, como é o caso de Emily Armstrong, que ao integrar uma banda que historicamente sempre foi formada por homens e com o público majoritariamente formado também por homens. Quando eram ainda rumores de que o Linkin Park voltaria com uma vocalista mulher já tinham comentários sexistas a respeito.

Grande parte das críticas não se concentram na habilidade vocal ou no talento de Emily, mas no fato de ela ser mulher. Comentários como “o Linkin Park nunca seria o mesmo com uma vocalista feminina” ou “ela não tem o que é preciso para substituir Chester” estão por toda a rede social⁶. O preconceito não está apenas na resistência à mudança, mas na implicação de que uma mulher não poderia carregar o peso emocional e artístico associado ao fazer rock, que com o passar do tempo se tornou completamente masculino e para públicos masculinos, no qual eles fazem as mulheres se sentirem pressionadas a não querer ocupar a atual cena musical do rock, seja em cima do palco, ou apenas assistindo.

CONCLUSÃO

Concluimos com essa pesquisa que a cena musical do rock como um todo, como também nas redes sociais, é um ambiente muito hostil para as mulheres. Embora as redes sociais tenham sido uma ferramenta poderosa para a democratização da

⁶ fonte: <https://x.com/gabrielprocha99/status/1775685416865178015>

comunicação, elas também têm amplificado as pressões externas sobre figuras femininas, como Emily Armstrong. Comentários abusivos, comparações com outros músicos e a objetificação de sua imagem destacam a persistência de um ambiente hostil para mulheres.

Portanto, o impacto das redes sociais sobre o cenário do rock em geral reflete uma mudança necessária, mas gradual, nas dinâmicas de gênero, como também nas raciais, de classe e sexualidade, sendo essencial o fortalecimento de um espaço inclusivo e igualitário. O caminho para um ambiente mais saudável na cena digital do rock requer um esforço contínuo para continuar a dar voz às mulheres que fazem rock, para que continuem a ocupar esse espaço que ainda é cheio de preconceitos na indústria musical.

REFERÊNCIAS

DECARIS, F. **Linkin Park: entenda a polêmica da nova vocalista com a Cientologia**. CNN BRASIL, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/linkin-park-entenda-a-polemica-de-emily-armstrong-com-a-cientologia/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

G1. **Trio feminino Nervosa fala do machismo na cena metal: 'Show de horrores nos comentários'**. G1, 4 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/04/trio-feminino-nervosa-fala-do-machismo-na-cena-metal-show-de-horrores-nos-comentarios.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Gabriel Moedas. **Sem Chester já seria ruim, aí colocar uma mulher no lugar ... pqp acaba com a essência da banda**. 3 abr. 2024. X: gabrielprocha99. Disponível em: <https://x.com/gabrielprocha99/status/1775685416865178015>. Acesso em: 24 nov. 2024.

GCGP. **I saw her live and it took me a while to understand why I didn't like her. It's a little bit of sexism on my part. I don't like Emily Armstrong as Linkin Park's screamer vocalist, because she's a woman**. 12 nov. 2024. X: @gcgoespunk. Disponível em: <https://x.com/gcgoespunk/status/1856363498416013672>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GOOGLE. Álbum de fotos: **Postagem apagada na rede social X**. Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/S62qx9FSb4mvBnU2A>. Acesso em: 24 abr. 2025.

NOGUEIRA, B. P. **Pensando a cena musical a partir dos territórios informacionais.** Contemporânea, ed. 24, v. 12, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/download/13007/11262>. Acesso em: 09 dez. 2024.

QUEIROZ, T. A. **Pandemônios e notívagos: decolonizando a cena do rock no Nordeste.** 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. 203 p. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/pandemonios-e-notivagos/>. Acesso em: 9 dez. 2024